

Ela ouviu um choro que mudou
a vida de centenas de pessoas

O anjo do orfanato

Por JENNI MEILI LAU

PHIL E LIANNE KONO tentavam atravessar o mar de pessoas suadas no aeroporto de Nanning, cidade do sul da China, exaustos depois do longo vôo desde Seattle, Estados Unidos. Lianne não parava de pensar: *Será que ela vai gostar de nós? Vamos chegar a um acordo?*

Então, em meio às cabeças de gente apressada, Lianne viu uma jovem chinesa carregando um bebê. *São elas*, soube instintivamente. O nervosismo foi aumentando enquanto se aproximavam.

– Lianne, gostaria de presentear-lá com sua filha – disse a mulher, colocando a criança nos braços trêmulos da moça.

Deus, é a minha criança!, percebeu Lianne, sentindo a pele macia do bebê e o cheiro suave e salgado dos cabelos.





Amor de Sobra- Chan Kit Ying com duas das crianças do orfanato chinês.

Phil Kono emergiu da multidão, deixou cair as malas e abraçou-as.

– Finalmente temos uma filha – sussurrou entre lágrimas de alegria.

Ao lado deles, Chan Kit Ying apenas observava, também com os olhos cheios d'água, e pensava no terrível destino a que esse bebê – e muitos outros – por pouco escapara.

OSOL DA MANHÃ aquecia Chan Kit Ying em agosto de 1992, enquanto ela percorria o caminho de terra até um sujo edifício de concreto no subúrbio de Nanning. Amigos missionários cristãos contaram-lhe que as condições no orfanato de Nanning eram horríveis. Assistente social de Hong Kong, Chan, 30 anos, decidiu ver pessoalmente o orfanato.

Ofereceu vários pacotes de fraldas e presentes aos funcionários – pequenos símbolos de boa vontade que, ela esperava, tornariam aceitável sua visita inesperada. Funcionou, e o diretor permitiu que explorasse o local à vontade.

Chan ficou chocada com o que encontrou. Berços de metal enferrujados, cada um com cinco bebês, deitados como sardinhas em lata. Muitos tinham brotoejas e pareciam subnutridos. Alguns estavam com olhos parados, imóveis, indiferentes às moscas. Gritos reverberavam nas paredes, mas não havia ninguém para confortar as crianças.

Chan contou 36 bebês, quase todas meninas. A triste verdade é que, com frequência, as meninas são

abandonadas na China, por causa da política de filho único no país e da enraizada preferência social por meninos. Os poucos bebês de sexo masculino no orfanato tinham deficiências de nascença.

Uma criança em particular chamou a atenção de Chan. Apertada entre duas outras, ela gritava furiosamente. Os ossos quase rompiam a pele. Chan carregou a menina, que no mesmo instante adormeceu em seus braços. *É preciso fazer algo*, pensou.

– Meu avião só sai amanhã – disse ao diretor em cantonês, o dialeto local. – Posso levar este bebê para passar a noite no hotel?

– Esse bebê é muito complicado – respondeu o homem. – Se quiser, leve uma criança mais saudável e mais velha.

Chan explicou que tinha experiência com crianças. Depois de analisá-la com desconfiança, o diretor concordou com a cabeça. Chan ficou exultante. *Pelo menos, poderei dar a esta criança uma noite de carinho*, pensou.

Chan cuidou das feridas da criança e das assaduras causadas pelas fraldas, depois a aninhou para dormir. No dia seguinte, o pensamento de levá-la de volta ao orfanato, onde provavelmente morreria, era insuportável.

Em média, quatro bebês eram abandonados lá diariamente; por causa da falta de dinheiro, recursos e mão-de-obra, os funcionários davam prioridade aos mais saudáveis. Os bebês mais fracos recebiam poucos cuidados e, com frequência, não sobreviviam.

Chan permaneceu em Nanning e logo foi informada por amigos de Hong Kong que um casal americano – Phil Kono, engenheiro de computação, 41 anos, e sua esposa Lianne, 37 anos – tentava adotar uma criança há mais de um ano. Gostariam de ter um bebê chinês. Ela consultou o Ministério de Assuntos Cívicos, que permitiu o procedimento de adoção.

Quando voltou a trabalhar na creche de Hong Kong, Chan foi dominada por emoções conflitantes. Sabia que poderia ajudar os órfãos em Nanning. Mas isso significaria abrir mão da vida estável e do emprego bem remunerado.

– Muitos habitantes de Hong Kong têm medo da China, e sou um deles – confidenciou aos supervisores Gary e Helen Stephens.

– Se voltar à China for a opção correta – disseram –, Deus lhe dará forças para vencer o temor.

CHAN REFLETIU sobre sua infância feliz. Os pais possuíam uma fábrica de roupas e puderam oferecer-lhe um lar acolhedor e formação universitária no Canadá, para onde haviam emigrado. Incutiram-lhe também senso de obrigação moral. Lembrou-se da época da escola primária, quando a família da melhor amiga teve problemas financeiros. Os pais de Chan

pagaram a escola para a amiguinha.

Qual será o futuro dessas crianças? Chan não conseguia deixar de pensar. Sabia que milhares de ocidentais esperavam ansiosos pela oportunidade de adotar um órfão.

Chan voltou a Nanning e, nos meses seguintes, enviou 14 crianças a lares nos Estados Unidos.

Então, seus esforços foram interrompidos. Relatórios de adoções ilegais em outros lugares da China le-

ram o governo central, em Pequim, a proibir todas as adoções por estrangeiros até que novas leis fossem aprovadas.

Chan ficou perturbada, mas não desistiu. Em vez disso, passou a bater de porta em porta, procurando pessoas que quisessem levar as crianças para seus lares. Pais adotivos eram raros na China mas, em Nanning, Chan encontrou muitas pessoas dis-

postas a ajudar.

Uma das primeiras a responder foi A-yi, que ficara órfã aos 10 anos. Era cega, porém durante anos montara caixas em fábrica de papelão e sustentara duas crianças com o marido, criador de porcos. Agora com 52 anos e aposentada, A-yi passava a maior parte do dia executando tarefas domésticas, mas sentia-se insatisfeita. Aceitou um bebê, e Chan ficou surpresa com a sensibilidade da mulher em relação às necessidades da criança.

*Chan passou a
bater de porta
em porta,
procurando
pessoas que
quisessem levar
as crianças para
seus lares.*

Em pouco tempo, Chan estabeleceu uma pequena rede de 20 lares de adoção, remunerando os pais adotivos com o equivalente a 35 reais mensais, com recursos do Mother's Choice de Hong Kong. Enquanto isso, cuidava pessoalmente de um ou dois bebês.

Impressionado com a determinação da jovem, o diretor do orfanato ofereceu-lhe um apartamento maior. "Você poderá cuidar de mais crianças", sugeriu.

Chan conseguiu auxiliares. Juntas, cuidavam de várias crianças. Os critérios para escolher os bebês eram simples: "Peguem os que não sobreviverão", aconselhava Chan.

As dificuldades eram muitas. Às vezes, faltava eletricidade, o que forçava a equipe a cuidar dos bebês à luz de velas. Também houve corte de água, e Chan e as colegas tiveram de encher baldes numa torneira distante.

Mesmo assim, havia momentos estimulantes. Recebeu cartas do casal Kono e também dos pais de outras crianças. E os funcionários do orfanato começavam a fazer-lhe confidências. Muitas das mulheres estavam frustradas, ou até apavoradas, com aquele trabalho. Uma delas confessou que era assombrada por pesadelos com bebês à morte. "É preciso ter coração de gelo para so-

breviver neste emprego", confidenciou outra.

Também não eram bem treinadas, e Chan ofereceu cursos informais para ensinar-lhes o básico. Mais de dez jovens funcionárias rodeavam Chan, enquanto ela explicava como preparar mamadeira com higiene, como fazer o bebê arrotar e como dar banho em cada criança com água limpa.

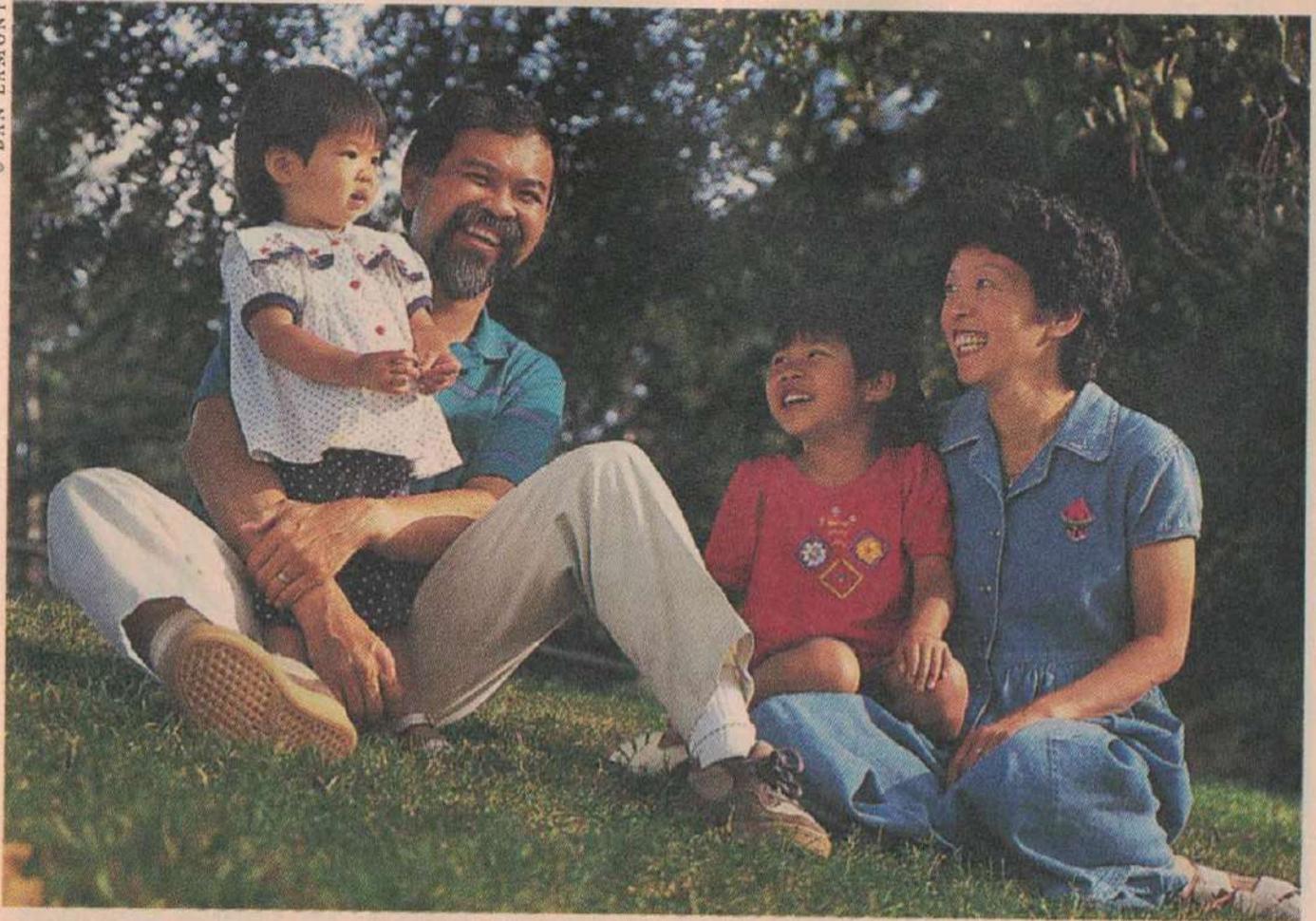
À medida que seu trabalho era divulgado, os habitantes do lugar iam ficando mais cordiais com esse anjo. "Você é muito diferente das pessoas de Hong Kong", comentou alguém, para quem todas as chinesas de Hong Kong eram mulheres ricas e arrogantes, que usavam óculos escuros e bolsas da moda. Os moradores passaram a aceitá-la como se fosse um deles, convidando-a para conhecer

suas casas. Chan também sentiu que mudara de atitude.

– Encontrei minha identidade aqui na China – contou a Helen Stephens, por telefone. – Agora, posso dizer com confiança a qualquer um: 'Sou chinesa.'

O DECRETO CONTRA adoção foi revogado no fim de 1993, mas Chan sabia que o programa teria êxito ainda maior se as autoridades chinesas pudessem con-

*Ela explicava
como preparar
a mamadeira
com higiene,
fazer o bebê
arrotar e dar
banho com
água limpa.*



Carissa Kono e a Família— Uma nova irmãzinha de 2 anos, Janelle.

ferir os resultados pessoalmente. A Holt International Children's Services, agência de adoção sediada nos EUA, concordou em patrocinar a visita de dois representantes da Unidade Guangxi de Adoção por Estrangeiros, tendo Chan como guia. Em maio de 1994, visitaram um agradável lar de subúrbio nos EUA onde seis meninas de Nanning e os pais adotivos estavam reunidos.

Os visitantes foram recebidos com jantar caseiro. A sala estava cheia de crianças saudáveis com os pais coruja.

— Natalie enche nossa vida de alegrias — disse Beverly Lim Henes aos representantes.

No colo da mãe, a criança de 1 ano e 9 meses estava radiante. Chan olhava para a menina e lembrava-se do bebê que fora entregue ao orfanato em caixa de papelão.

Natalie tinha apenas 16 dias quando foi adotada por Peers e Beverly Lim Henes, que dirigiam a própria empresa em Nova York.

Beverly, sino-americana, informou aos representantes que planejava preservar a origem de Natalie.

— Fico feliz por meus pais me terem tornado consciente de minhas raízes — disse ela. — Transmitirei a Natalie todos os conhecimentos que tenho sobre a cultura chinesa.

Durante o dia, os pais adotivos



A-yi (acima, à esquerda) Com a Filha Adotiva Maria— Coração aberto para mais uma criança trazida pela integrante do orfanato.

procuraram os representantes para expressar agradecimentos. Enquanto isso, as meninas corriam pela casa e brincavam no quintal.

— Fiquei muito emocionado com o amor que nossas crianças estão recebendo no ocidente — disse um dos representantes a Chan. É muito mais do que poderia imaginar.

Pouco tempo depois, funcionários chineses permitiram que o Mother's Choice, sediado em Hong Kong, estabelecesse uma unidade em Nanning. O orfanato foi inaugurado com Chan na direção.

Ela foi autorizada a utilizar um edifício vazio no subúrbio da cidade

chinesa. Curiosamente, havia uma estátua de mulher ao lado de uma criança pequena, no meio do pátio do complexo com 54 quartos. Ninguém sabia por que fora colocada ali.

— Como ela se chama? — perguntou Chan ao guia, que então sorriu e respondeu:

— É conhecida como *Amor de mãe*.

Chan e sua equipe mudaram-se para aquelas instalações em maio de 1995. Seis meses depois, uma cerimônia marcou a grande inauguração. Altos funcionários de Pequim estavam presentes, além de 40 patrocinadores de Hong Kong. Os

pais de Chan vieram de Toronto, Canadá. Desde 1992, mais de 500 das crianças de Chan foram adotadas no exterior.

A fama do programa crescia. Cada vez mais diretores de orfanatos e representantes do governo de várias províncias faziam peregrinações ao *Amor de mãe* e aos lares que haviam recebido as crianças. Voltavam para casa ansiosos a fim de colocar em prática os métodos de Chan.

— **T**IA CHAN, aceita chá? — perguntou Carissa Kit Ying Kono, segurando uma xícara de plástico.

— Obrigada — respondeu Chan, provando um chá de mentirinha, emocionada com a criança bem-educada e feliz de 4 anos, em pé à sua frente.

Vestida com tutu vermelho-púrpura, Carissa começou a demonstrar

alguns movimentos de balé. *É um milagre*, pensava Chan, enquanto observava a menina saltitar pela sala.

Era a quarta vez que Chan visitava Carissa e, naquela noite, olhavam um livro de recortes que Chan dera aos Konos. Havia mais de 50 fotos tiradas em Nanning. Carissa já as vira muitas vezes, mas nunca se cansava de olhá-las, especialmente quando tia Chan oferecia comentários ao vivo.

Lianne observava as duas virando as páginas do livro.

— Nunca poderei agradecer-lhe o suficiente a iniciativa de retirá-la do orfanato naquele dia — comentou.

— Acho que Deus escolheu Carissa naquele dia, e não eu — disse Chan. — Ela é muito especial.

Lianne sorriu.

— Chan, espero que, quando crescer, Carissa seja exatamente como você!

DEFINIÇÕES REVISTAS



“Tirem o trabalho de um escritor”, diz o romancista Martin Amis, “e verão uma existência medíocre, desordenada. Mas a vida não importa. Uma parte tão grande de nosso caráter, esforço e energia emocional entra no trabalho de escrever que a matéria vital, o viver, fica restrito. Se você é um escritor, não vai ser brilhante na gestão de sua vida, pois não é aí que você respira de verdade. A definição de um escritor é que ele é mais feliz quando está só.”

—VALERIE GROVE, em *The Times*, Londres

A música é o grande nivelador. Omite a viagem intelectual e vai direto ao coração. Uma canção pode irradiar alegria para a alma. E se conseguirmos fazer música com alguém, não precisamos de palavras.

—MARIA FRIEDMAN, cantora, em *The Sunday Times Magazine*, Londres